

# NATIVOS TEMPORÁRIOS: MAPEANDO ÁGUAS DA GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Samuel Sá

*Professor Doutor em Antropologia associado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará*

Denise Machado Cardoso

*Antropóloga do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFPA. Diretora da Faculdade de Ciências Sociais (2007-2009)*

Kirla Anderson

*Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA*

Adilásio Pedro Cruz Neto, Anna Barbara C. da Silva, Dalila Antero, Juliana Barroso, Luiz Eduardo Santos do Nascimento, Ricardo Rodrigues, Thais de Almeida Costa, Thaize Bianca Figueiredo de Souza  
*Graduandos em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará*

Para quem vive e faz a Universidade Federal do Pará (UFPA), trabalhar significados vividos do interior da graduação é uma descoberta. No plural, há faces e facetas escondidas nos recônditos do dia-a-dia, noite-a-noite. O simples passar do tempo marcado no relógio ou no calendário resulta em aparências fugidias que parecem “a mesma coisa”. Mas, quando se trata da vida de jovens em Universidade, aqui e ali, emerge a necessidade de querer ir além e aquém das falas. E, então, procura-se pelo sentido que lateja ou pulsa no âmago de tudo que não é aula, ainda não é pesquisa, ainda não é extensão.

Como exemplos observáveis das diversas realidades, tem-se aquilo que se escuta à espera de algo mais do que o vestibular e pensa-se na transição entre o ensino médio e o ensino superior, quando se detém deixando que calouros e ex-calouros recentes recontem suas experiências e seus estranhamentos; quando se colhem interpretações possíveis de uma tabela de 116 nomes de graduandos “vestidos” pela classificação no vestibular e “revestidos” pela classificação mediante conceitos que os levaram à conclusão dos cursos; ou ainda quando se dedica a desconfiar das “pechas” da evasão, valendo-se das situações com sujeitos-evadidos os quais soltam ou liberam sinais de “múltipla escolha” e não de “resposta fechada”. Nesse contexto, ficam vestígios de que o tempo passou, o “cavalo da história galopou”, mas existem e insistem sonhos quase perdidos ou cinzas férteis daquele embalo: “mamãe, passei no vestibular”.

Quando se observa que ao longo dos quase 50 anos do Curso de Ciências Sociais da UFPA, não há registros de estudos voltados para o acompanhamento, de forma mais sistemática, da formação de universitários e universitárias, verifica-se que a necessidade de reflexão se apresenta como

valiosa para se pensar o curso em seus vários aspectos. Diante dessa lacuna, um grupo de estudos do Projeto Extracurricular Temático de Ciências Sociais (Pet/GT/CS) assumiu, desde 2008, um conjunto de possibilidades para pensar, esdarecer e ouvir vozes do mundo da graduação. Não era apenas o desafio de pesquisar, mas também de renovar uma abordagem de Antropologia da educação e de praticar, como em extensão, tentativas de avivar a chegada de calouros e a chama dos concluintes.

Prever uma “cartilha” com memórias de ex-calouros falando para calouros; projetar uma “cartilha” de concluintes para concluintes, propiciando a inserção de momentos na chegada dos calouros tomando contato com o *currículo latet*; com o aprendizado de técnicas de estudo, com o *software* intitulado *Statistics Package for the social sciences (SPSS)*, com o manancial da orientação e de novos papéis sociais intra-universidade, como os de monitor de disciplina e monitor de calouros. Estas são as alternativas de conhecimento e que se desdobram na possibilidade de assumir o papel de conhecedor-produtor, e não de consumidor, como sinônimo de universitário de graduação com autonomia e com *dessilenciamento*.

Parte do grupo do Pet/GT/CS que desenvolveu a pesquisa já experimentou, nas semanas acadêmicas de 2008 e 2009, o papel notório de “prático de barra”, conduzindo nativos de longe para dentro dos meandros fluviais paraenses<sup>1</sup>. Passo a passo, o projeto foi ganhando corpo por meio de instrumentos, por exemplo, um modelo de auto-retrato sucessivo ou, em diferentes momentos, uma série de fatores para a construção progressiva ou para negociações em vista de identidade universitária; uma coleção de perguntas abertas sobre significados, como “sucesso” e “insucesso” etc, um diagrama de circulação do saber provocando outro de graduandos, a fim de reconstruir o processo vivido de circulação do saber; uma colocação de indagações sobre o processo de evasão, incluindo momentos críticos que levam ao mesmo; uma coleção de indagações sobre contextos dos que permanecem.

Os cinco instrumentos mencionados valem como primeiros passos para que sejam recolhidas as experiências da graduação dentro de uma moldura, nos seguintes contextos como: entre do vestibular e a colação de grau, etapas de circulação do saber; sucessão de descobertas em direção a identidade universitária; e estruturas de evasão no sentido de malha de opções ou de impasses em termos o processo de evasão. Esses meios operam com estratégias para ir além das marcas superficiais da entrada, permanência, evasão, ou colação de grau.

Cardoso (1986) destaca que, trabalhar com o discurso dos agentes sociais da sociedade pesquisada requer senso crítico muito aguçado e constante análise do contexto em que algo foi dito ou omitido, pois embora se tenha sempre a intenção de descrever, traduzir, analisar e interpretar com a maior fidedignidade possível, eventualmente pode-se cair em “armadilhas” do trabalho de campo.

Estudar o familiar implica certas facilidades e vantagens na pesquisa, pois ao se conhecer, por exemplo, o espaço geográfico, a língua e diversos aspectos da cultura local, alguns obstáculos de uma pesquisa de campo são

superados. Estudar o familiar é tarefa das mais difíceis, tanto para pesquisadores da Sociologia quanto para aquelas pessoas da área antropológica, pois segundo Bourdieu (1999), a familiaridade de sociólogos e sociólogas com o universo social constitui o obstáculo epistemológico por excelência por que ela

produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo em que as condições de sua credibilidade. O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e [...] deve se impor uma polêmica incessante contra evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável (BOURDIEU, 1999, p. 23).

Mas, como manter o distanciamento e a objetividade quando se estuda “em casa”? Como manter a curiosidade que brota do estranhamento e do choque cultural? Para um pesquisador ou pesquisadora que investiga em sua própria terra natal (mas também para uma pessoa externa à sua realidade), o caráter científico de seu estudo deve estar relacionado às condições teóricas e não apenas à curiosidade pessoal.

## PENSAR, PESQUISAR E FALAR SOBRE EDUCAÇÃO

A educação deve ser pensada como um processo de inter-relação entre pessoas, cujo fundamento é a busca que as pessoas fazem de sua própria identidade. Além disso, necessário se faz visualizar a educação em seus aspectos formais (compreendendo a escola e outras instituições letradas de ensino) e informais (caracterizada pela oralidade e tradicionalidade no processo de aprendizagem de saberes). Considerando que o processo de aprendizagem das universidades se processe com base nos seus eixos integradores, necessário se faz uma reflexão acerca deles.

O Ensino é uma das atividades indispensáveis para a formação acadêmica por ser o caminho que possibilita a difusão e socialização do conhecimento produzido dentro e fora do meio acadêmico. É um eixo que deve conter em sua essência a permanente reelaboração crítica por parte de professores, professoras, alunas e alunos.

A Pesquisa, segundo entendimento de Gil (1996), é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo dar resposta aos problemas que são propostos. Este eixo também pode ser compreendido como um processo que instiga a pessoa que pesquisa, seja ela do meio acadêmico ou não. Além disso, é possível detectar ações que podem ser consideradas como pesquisa, porque o pesquisar envolve algumas habilidades do sujeito interessado que trava uma verdadeira peleja contra um problema. Silva (2002) considera que cada pessoa, ao deparar-se com uma situação problemática, requerendo uma solução, realiza pesquisa para resolvê-la.

A Extensão caracteriza-se pelo compromisso social da Universidade para com a comunidade, agindo como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos, de igualdade e desenvolvimento social. Segundo o Plano Nacional de Extensão (1999/2001- SESU/MEC), a extensão localiza-se como prática acadêmica que objetiva interligar a instituição em suas atividades de Ensino e Pesquisa com as demandas da sociedade.

As atividades extracurriculares não são meros enfeites ou decorações no *curriculum vitae*, mas representam, segundo Fleury (1989 *apud* Silva, 2002), um processo informal de socialização, uma vez que aproximam seus participantes da realidade, preparando-lhes para desempenhar papéis na sociedade, em contraponto ao processo formal de ensino que prepara uma pessoa a ocupar um *status* específico.

Apesar de considerar a sala de aula como espaço de aprendizagem por excelência, as universidades apresentam ainda inúmeras possibilidades de aprendizagem em seus demais eixos, ou seja, a Pesquisa e a Extensão. Todavia, no âmbito da UFPA, o Ensino ainda é o eixo mais enfatizado e o maior responsável pela aprendizagem; os demais ainda não são explorados a contento pelos discentes devido a diversos entraves institucionais: número de bolsas de iniciação científica inferior ao número de discentes; idade mínima para concorrer à bolsa não condizente com a realidade do alunado; desconhecimento, por parte de alunas e alunos, do que venham a ser a Pesquisa e a Extensão etc.

A aprendizagem pode ocorrer em momentos e situações diversas, permitindo possibilidades múltiplas para o desenvolvimento crítico e conquista da cidadania. Nas universidades, esse processo estaria restrito apenas à sala de aula e laboratórios? Em que momento e em quais situações seria mais propício o aprender que não se limite apenas ao acúmulo de informações? Os três eixos de integração das universidades (Ensino, Pesquisa e Extensão) permitem certamente múltiplas possibilidades de aprendizagem; mas, existem oportunidades além daquelas propostas pela educação formal? Como possibilitar que o conhecer não se limite apenas à acumulação acrítica de informações?

## CIÊNCIAS SOCIAIS E O PET: UM BREVE HISTÓRICO

O curso de Ciências Sociais foi criado, na UFPA, em 1957 pelo Decreto n. 35.456 e Portaria n. 721/MEC, dois anos após a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. De acordo com Alberto e Chaves (2006), relatar a história das Ciências Sociais na UFPA torna-se difícil, haja vista que, em documentos do antigo Colegiado e dos extintos Departamentos (Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Metodologia), não há relatos sobre esse assunto. Atualmente, o professor Leandro Klineider, ex-aluno de Ciências Sociais e antigo “petiano”, desenvolve sua tese de doutorado em Educação sobre o referido curso. Essa tese, por certo, irá contribuir na superação dessa lacuna, pois a maioria dos trabalhos de mesma natureza foram divulgados

apenas em forma de relatórios ou artigos sobre uma determinada área, como a Antropologia, ou ainda não foram publicados.

Segundo Cortez (2007), o curso de Ciências Sociais iniciou com apenas dois alunos; em 1962, a turma ingressante fora composta de oito ou nove alunos; em 1963, a nova turma era mais numerosa que a anterior. Desde então, diversas alterações foram acrescentadas à estrutura curricular do Curso, com destaque a Resolução n. 2.075 de 19 de março de 1993, que possibilitou a inclusão de opção por áreas de concentração ou ênfase. Em 1995, após a revogação desta Resolução, a Resolução n. 2.243 de 3 de abril redefiniu o Currículo Pleno do Curso de Graduação em Ciências Sociais, mas manteve-se a estrutura por ênfase. Após desta data, o Curso permaneceu com poucas alterações. No início da década de 2000, foi instituída uma Comissão para realização de estudos e apresentação de uma nova proposta Político-Pedagógica.

Fundado em 1997, o Pet/GT/CS, ou simplesmente Pet de Ciências Sociais, é um desdobramento do Programa Especial de Treinamento (PET), criado, em 1979, pelo Ministério da Educação por meio da instituição de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com objetivo de integrar alunos da graduação dos cursos universitários, no Brasil, em atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão. Precisamente, o Pet<sup>2</sup> visa à criação de instrumental de análise para perceber os mecanismos de aprendizagem em suas diversas situações no curso de Ciências Sociais, analisando estes mecanismos e considerando que se aprende como conhecedor ou apenas como acumulador.

O projeto incentiva alunas e alunos de graduação a encontrarem por si mesmos a melhor maneira de aprender. Assim, destacam-se os seguintes elementos: a busca por tempo e lugar propício para o estudo (leitura, reflexão, ponderações e produção acadêmica); a procura pela aprendizagem de línguas estrangeiras e aperfeiçoamento da língua portuguesa; a conquista de um Histórico Escolar com coeficiente elevado; a participação em atividades extracurriculares que não se restrinjam a temas das Ciências Sociais; o incentivo à utilização de laboratório de informática; e a procura pela participação em pesquisas científicas na condição de bolsistas de Iniciação acadêmica. Desse modo, a graduação não se restringe ao universo da sala de aula, nem somente à relação docente-discente. Além disso, o incentivo a uma relação dialógica possibilita a reciprocidade de saberes.

## NOTÍCIAS E DISCUSSÕES ACERCA DA GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Esse estudo envolve o interesse sobre a Universidade depois do vestibular; o fazer extensão aproveitando dinamicamente o poder de “dessilenciar” e a “autonomia” dos discentes e docentes; o fazer pesquisa “dentro de casa”, sobre limites e possibilidades de navegação nas águas internas da UFPA.

No presente caso, um grupo de estudos envolvendo docentes, discentes de graduação e pós-graduação, tenta “mapear” e refazer competências

para a socialização permanente do discente, como em uma dialética “praticagem de barra”, colocando a coautoria desta aventura como uma estratégia de desenvolver novos caminhos, novos mapas, novos portos.

Os eixos Ensino, Pesquisa e Extensão são, em suas propostas, integradores da produção, divulgação e aplicação de saberes científicos. Todavia, a ênfase maior na UFPA ainda recai principalmente no eixo Ensino, principalmente na graduação. E a discussão acerca deste eixo requer cuidados na medida em que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua criação. Mas, percebe-se que aprender, mesmo nas universidades, ainda é entendido como um processo de acumulação de conhecimentos.

Evidencia-se que Pesquisa e Extensão carecem tanto de maiores investimentos (financeiro e humano) quanto de maior divulgação de seus propósitos no meio acadêmico e em relação à sociedade na qual está inserida a UFPA. Além disso, percebe-se que são necessários mecanismos de maior integração de alunos de graduação em projetos de Pesquisa e Extensão desenvolvidos por professores e professoras vinculados ao curso de Ciências Sociais, o que por certo contribuirá para a superação de lacunas referentes ao exercício prático da profissão de cientistas sociais no momento de formação profissional. Estes eixos se caracterizam pela sua tímida possibilidade de atuação por parte de alunos e alunas. E o próprio Ensino ainda se restringe a um modelo caracterizado pelo pouco diálogo e reduzido aproveitamento dos saberes aportados por discentes.

No estágio inicial, destaca-se que a viagem aos recônditos da graduação faz ainda mais sentido que no começo. A UFPA, como instituição educadora, tem muitas faces expostas, mas também recônditas, algumas concomitantes, e outras posteriores e anteriores. Para justificar esta nota de trabalho em andamento, é importante considerar que os entrantes na UFPA: são uma parte franqueada e outras são filtros, crivos ou peneiras. Uma peneira são as evasões do ensino fundamental, uma segunda são as perdas no vestibular, pois se contabiliza aprovação de, aproximadamente, 10% dos inscritos neste processo seletivo, sendo que 90% ficam fora das vagas ofertadas (4000 aprovados para 40000 candidatos). Com essa maneira de ver, os navegantes das “águas interiores” da UFPA merecem atenção para o aproveitamento pleno e não para “cruzarem os braços” e “fecharem os olhos” diante de eventuais perdas por evasão ou retardos por reprovação. Quem sabe, mais à frente será possível estudar outros “navegantes nessas águas” interiores da graduação e da pós, como autoridades, docentes, discentes, familiares precursores.

As propostas do Pet de Ciências Sociais centralizam-se em objetivos proporcionadores de maior integração de discentes de graduação e pós-graduação, bem como da integração com docentes por meio de eventos de natureza diversa, no âmbito da Pesquisa, Ensino e Extensão. De modo complementar, os saberes adquiridos de maneira não-formal e as experiências extracurriculares são indicados como fatores de conquista de Excelência.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> “Prático de barra” pode ser um nome para uma competência no interior da UFPA.

<sup>2</sup> Grupo de Trabalho em Ciências Sociais. Aceita discentes, independente de idade ou semestre, mesmo com reprovações, pois considera que todos terão a oportunidade de melhorar sua situação acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, M. A.; CHAVES, A. B. *Política curricular, formação e desempenho acadêmico de discentes no curso de ciências sociais da UFPA*. Belém: UFPA: 2006. (Relatório de Pesquisa).

BOURDIEU, P. *Preliminares epistemológicos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARDOSO, R. C. I. *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-105.

CORTEZ, R. Quem estava na Kombi? In: MELLO, A. B. F.(Org.) *UFPA 50 anos: Relatos de uma trajetória*. Belém: EDUFPA, 2007. p. 215-233.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, E. *Atividades extracurriculares como apoio a construção do curriculum vitae*. Belém: CFCH/UFPA, 2002. 47 p. (Trabalho de Conclusão de Curso).

